

CULTURA E DESENVOLVIMENTO: UM ESTUDO DA PERSPECTIVA DE CELSO FURTADO

Autoria: Ana Paula Londe Silva
e Laura Diniz Penteado de Barros*

1- INTRODUÇÃO

A compreensão da dimensão cultural como parte fundamental do processo de desenvolvimento é um tema bastante abordado na literatura. Seja pela perspectiva da existência de organismos multilaterais que visam valorizar a cultura local e orientar políticas públicas culturais, seja a partir de uma análise teórica acerca do papel crucial da criatividade e da cultura no processo de desenvolvimento socioeconômico, a compreensão e a interlocução entre cultura e desenvolvimento se mostra extremamente importante.

Celso Furtado foi um dos notáveis teóricos sobre cultura e desenvolvimento, especialmente a partir de meados da década de setenta, quando passou a abordar explicitamente a necessidade de incorporação da dimensão cultural nos esforços de teorização sobre o desenvolvimento. Furtado se distingue de outros estruturalistas latino-americanos não apenas por empreender um estudo sistemático acerca do elo entre cultura e desenvolvimento, mas também pelo seu envolvimento político direto como ministro da cultura do governo José Sarney.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca do papel da cultura no desenvolvimento das economias periféricas, tendo como referência as considerações teóricas tecidas por Furtado a partir dos anos setenta. Para tanto, será apresentada inicialmente uma contextualização histórica do movimento teórico percorrido por Furtado no período em questão, a partir do qual o autor procura incorporar a dimensão cultural como parte fundamental do processo de desenvolvimento. Posteriormente, será feita uma análise mais aprofundada dos elementos que compõem a discussão sobre cultura e desenvolvimento em Celso Furtado, atentando especialmente para as concepções de cultura, criatividade, processo de modernização e desenvolvimento endógeno.

2- CULTURA E DESENVOLVIMENTO NA OBRA DE CELSO FURTADO

A articulação entre cultura e desenvolvimento apresentada por Celso Furtado a partir de meados da década de setenta deve ser elucidada tendo-se como referência o contexto histórico que marca esse movimento teórico e a tentativa de incorporação de outras áreas do conhecimento à análise econômica, isto é, ao esforço teórico de articulação de estudos interdisciplinares defendido pelo autor.

Nesse sentido, de acordo com Cunha & Britto (2011), em fins da década de setenta, Furtado desafia a incapacidade da teoria do desenvolvimento econômico em compreender a dinâmica das economias subdesenvolvidas e estende o escopo de sua análise de modo a atribuir um papel crucial à cultura no processo de desenvolvimento. Esse movimento teórico, de acordo com os autores, se insere em um contexto bastante específico, marcado pelo enfraquecimento da teoria do subdesenvolvimento, em especial da teoria estruturalista, e pelo fortalecimento da corrente monetarista na América Latina.

Segundo Cunha & Britto (2011), a introdução das dimensões de cultura e criatividade ao trabalho de Furtado e o esforço de redefinição do escopo de sua análise ampliam os horizontes da teoria econômica e permitem uma compreensão mais profunda acerca da dinâmica do subdesenvolvimento. *"In the mid 1970s, Furtado faces the challenge of theorizing about social formations, finally producing an original interpretation of the process of economic development as a broad historical route of the process of diffusion of what he described as industrial civilization"* (CUNHA & BRITTO, 2011, p.7).

Borja (2013) elucidada, não obstante, que o movimento teórico verificado no trabalho de Furtado em meados da década de setenta se insere em um

*Estudantes de Ciências Econômicas da FACE/UFMG e bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) Economia.

contexto de ampliação da análise das raízes e das dinâmicas características dos países subdesenvolvidos, em especial dos países latino-americanos, de modo a redefinir o próprio conceito de desenvolvimento. «Neste longo tempo de estudo, [Celso Furtado] pôde abrir e ampliar o conceito de desenvolvimento, tratando de suas várias faces, desde o estrito desenvolvimento das forças produtivas, passando pela estrutura de poder e chegando a dimensão cultural» (BORJA, 2012, p.126).

Sampaio Jr. (2013) reitera que Furtado sempre se mostrou avesso às análises estritamente econômicas que ignoram as relações sociais, a dimensão cultural, a identidade das nações e restringem a análise econômica às relações de produção e troca. Nesse sentido, o autor revela um traço importante do trabalho de Furtado e que justifica o movimento teórico verificado no trabalho do autor na década de setenta:

A crítica de Furtado ao "economicismo" - a ideologia de nosso tempo - é devastadora. A homogeneização de formações sociais qualitativamente distintas não permite compreender que a posição dentro do sistema centro-periferia tem sérias implicações sobre a capacidade da sociedade nacional controlar desenvolvimento. A redução do problema econômico a uma questão que se circunscreve exclusivamente ao âmbito das relações de produção e troca impede a possibilidade de considerar a ampla gama de fatores extraeconômicos que condicionam os problemas econômicos. (SAMPAIO JR., 2013, p.77)

A compreensão acerca da articulação entre cultura e desenvolvimento no trabalho de Furtado a partir de meados da década de setenta, nesse sentido, é objeto de pesquisa de diversos autores e se insere em um esforço intelectual de sistematização do pensamento de Furtado. Não obstante, a percepção do movimento teórico verificado no trabalho do autor nesse período se mostra extremamente rica, considerando que Furtado inclui em sua análise de subdesenvolvimento não só as dimensões de criatividade e cultura, mas também as noções de civilização industrial, processo de modernização, mimetismo cultural.

Cunha & Britto (2013) em "*When Develop-*

ment Meets Culture: the contribution of Celso Furtado in the 1970's" se propõem a entender o movimento teórico vivenciado por Furtado em meados da década de setenta tendo como referência o cenário intelectual adverso que permeia a discussão de Furtado acerca de criatividade e dependência. Nesse sentido, de acordo com os autores, diferentemente da década de cinquenta - quando Furtado introduz o conceito de subdesenvolvimento - em meados dos anos setenta verifica-se um enfraquecimento da teoria do subdesenvolvimento diante das diversas críticas ao estruturalismo latino americano.

No que se refere ao movimento teórico verificado no trabalho de Furtado na década de setenta, segundo Cunha & Britto (2013), é preciso, inicialmente, elucidar o significado dos conceitos de cultura e criatividade para o autor, isto é, compreender que tais dimensões não se restringem ao significado artístico de cultura e criatividade, mas sim a conceitos amplos relacionados à um conjunto valores e padrões. "*In his work, the concept is stated at the level of a system of values, beliefs, perceptions, etc., and this will be the perspective considered throughout*" (CUNHA & BRITTO, 2011, p.6).

A compreensão da estrutura dos países subdesenvolvidos e as contradições inerentes ao processo de industrialização no contexto do sistema centro-periferia, inicialmente estudadas por Furtado nos anos cinquenta com a teoria do subdesenvolvimento, dão lugar a uma nova perspectiva ao trabalho do autor, que passa a teorizar sobre o papel central da criatividade e cultura no contexto de expansão da civilização industrial.

Nesse sentido, de acordo com Cunha & Britto (2011, p. 17), Furtado se propõe a entender os processos de acumulação, expansão da civilização industrial e emergência de relações de dependência nas áreas subdesenvolvidas, tendo como referência a dimensão cultural e o processo de industrialização das áreas periféricas. "*In particular, the objective is to explore the consequences of the process of industrialization at the periphery, which goes beyond the productive side*".

As dualidades inerentes ao processo de industrialização nas áreas periféricas envolvem não só o lado da oferta, mas também o lado da demanda,

isto é, verifica-se, segundo Furtado, um processo de inadequação tecnológica - com a implantação de tecnologias provenientes das áreas centrais nas áreas periféricas, o que aumenta a dependência por parte dos países subdesenvolvidos - e padrões de consumo e emprego incompatíveis com as tecnologias verificadas nos centros. Verifica-se, nesse sentido, um complexo círculo vicioso nas economias periféricas que reforça a dependência tecnológica e cultural dos países em desenvolvimento:

What Furtado describes is then a significantly more complex vicious cycle than those depicted by Kuznets (1958). The low rate of accumulation compatible with the late industrialization is combined with persistent reliance on imports, lower rate of growth of employment and the need to emulate consumption patterns from developed countries. Hence, the supply and demand sides of economic system are inextricably linked with the confirmation of heterogeneous structures that also have inseparable social and economic characteristics. (CUNHA & BRITTO, 2011, p.28)

Segundo, Cunha & Britto (2011, p. 18) se torna claro na análise de Furtado que a dependência tecnológica dos países periféricos em relação aos países centrais significa também dependência cultural em um sentido amplo. *"Culture is a cumulative system from which chains of actions and reactions are initiated and have a potential to cause structural change. This process, in its turn, is what Furtado would call development proper."*

Não obstante, de acordo com os autores, Furtado relaciona essa cadeia de ações e reações com dois processos relacionados à criatividade: o primeiro se relaciona a cultura material - possui claramente um aspecto técnico - e é composto pelos instrumentos que viabilizam a capacidade de ação das sociedades; em segundo lugar, estão os aspectos não-materiais, que coordenam a utilização dos instrumentos e envolvem a organização social - ciências, artes, filosofia, música, religião, moral e costumes.

De acordo com Cunha & Britto (2011), os processos criativos - pontos chave do desenvolvi-

to - se relacionam com as mudanças culturais e são acompanhados tanto por mudanças no lado material quanto no lado não material da cultura. No entanto, segundo os autores, o processo de industrialização dos países periféricos é marcado por dependência tecnológica e padrões de consumo miméticos, o que seria a explicação para o subdesenvolvimento dessas sociedades.

It should be no surprise to the reader that Furtado argues that the process of industrialization of the periphery does not warrant a process of development proper. This is because industrialization does not proceed to overcome technological dependence. On the contrary, it takes the shape of successive waves of both expansion and diversification of consumption patterns. This process is only viable because the imitative pattern observed in the technical side is replicated in the consumption front, ie., material values are continuously absorbed by urban classes of the industrialized country. (CUNHA & BRITTO, 2011, p.18)

No que se refere à compreensão do mimetismo cultural enquanto elemento chave para a compreensão do subdesenvolvimento na obra de Furtado, Sampaio JR., em *A atualidade da teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado*, se propõe a refletir acerca da expansão do sistema capitalista de produção e da conseqüente irradiação do progresso técnico e do ideário da civilização industrial para as economias periféricas.

Nesse sentido, de acordo com o autor, a difusão assimétrica do progresso técnico das economias centrais para as economias periféricas e assimilação mimética do processo de modernização dos padrões de consumo por parte dos países periféricos devem ser entendidos a partir de uma perspectiva histórica, que remonta as heranças do período colonial e que culmina com o acirramento das relações de dependência entre a periferia e o centro.

Da perspectiva de Furtado, o subdesenvolvimento é produto de uma situação histórica - a gênese e a reprodução de um sistema centro-periferia - e de uma

vontade política - a modernização dos padrões de consumo. Ambas convergem para transformar o determinante cultural no elemento-chave da explicação do subdesenvolvimento e, em consequência, no nó górdio que deve ser desatado para a sua superação. (SAMPAIO JR, 2012, p.75)

De acordo com Sampaio Jr (2013), para Furtado, a transposição das técnicas produtivas do centro para a periferia não é acompanhada por transformações internas de caráter político, econômico e cultural o que impacta profundamente na questão da identidade cultural das economias periféricas e culmina com a ausência de um centro de tomada de decisões interno nessas economias que conduza ao desenvolvimento. O desenvolvimento das economias periféricas se torna condicionado a sua capacidade de absorção do progresso técnico enviado pelo centro e da estrutura interna específica dessas economias.

Especificamente sobre o subdesenvolvimento latino-americano, Furtado discute as consequências do mimetismo cultural para o crescimento desigual da renda e do bem-estar da população. Segundo Sampaio Jr. (2013, p. 74), para Furtado o processo de incorporação do progresso técnico na América Latina é marcado por irracionalidade e pela desconsideração, por parte de elites aculturadas, das limitações materiais das sociedades periféricas e da impossibilidade de incorporação dos padrões de consumo dos países centrais para a totalidade da população periférica. "Em outras palavras, o trabalho de Furtado mostra que o subdesenvolvimento resulta da discrepância entre as sofisticadas exigências de modernização das classes dominantes e a precariedade do grau de desenvolvimento das forças produtivas das economias latino-americanas".

A assimilação de tecnologias inadequadas à realidade histórica das economias subdesenvolvidas culmina com a manutenção de características intrínsecas ao subdesenvolvimento, a saber, a heterogeneidade e desemprego estruturais, heterogeneidade regional e a situação de dependência externa. Em outras palavras, o próprio processo de modernização e industrialização das economias periféricas reproduz as condições de desigualdade de renda e perpetua o subdesenvolvimento.

Nesse sentido, Borja (2013, p. 146) afirma que o mimetismo cultural - que se manifesta enquanto dependência cultural - ao delimitar a utilização do excedente produtivo (considerando que os detentores desse excedente passam a destiná-lo à aquisição de bens de consumo à imagem e semelhança dos países desenvolvidos) restringe a criatividade dos países periféricos e constitui um impasse ao seu desenvolvimento. "O desenvolvimento em condições de dependência significaria apenas o transplante da civilização industrial, concebida como ideal da modernidade e progresso, baseado no estilo de vida material oriundo de outro contexto histórico".

3. CONCEPÇÃO DE CULTURA E ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Conforme discutido na seção anterior, Celso Furtado aborda amplamente o tema da cultura e enfatiza a necessidade de incorporar a dimensão cultural nos esforços de teorização sobre o desenvolvimento. Ao estabelecer uma conexão explícita entre cultura e desenvolvimento, Furtado articula harmoniosamente os vários componentes do todo social e sua dinâmica. Essa visão totalizadora da situação de subdesenvolvimento latino-americano assume particular importância, pois se constitui como "base para a construção de opções às propostas de desenvolvimento hoje dominantes, com forte raiz em posturas neoliberais" (RODRÍGUEZ, 2009, p. 407).

Entender, nesse sentido, a relação entre cultura e desenvolvimento em Celso Furtado, atentando para as potencialidades dessa articulação como alternativa ao subdesenvolvimento, requer uma investigação dos conceitos tanto de cultura quanto de desenvolvimento na obra do autor.

Em relação à cultura, delinear a concepção mais abstrata e geral do conceito é essencial para entender as reflexões do autor sobre a formação cultural brasileira. Ao focar a cultura a partir de uma perspectiva geral, Furtado pretende percebê-la, ao mesmo tempo, como sistema e processo acumulativo:

[...] a cultura deve ser vista como um todo cujas partes guardam coerência entre si e, portanto, como um sistema cujo significado não se expressa cabalmente no de uma ou algumas de suas partes; ao mesmo tempo, entende-se que a cultura constitui um sistema no qual a mu-

dança e o enriquecimento são inerentes. Sempre no marco de uma perspectiva geral, entende-se que essa mudança se explica pela introdução de inovações. (RODRÍGUEZ, 2009, p. 415)

A introdução de inovações, segundo Rodríguez (2009), altera a coerência entre os componentes do sistema cultural, mas, com o tempo, pode levar a transformações e rupturas que possibilitam novas redefinições coerentes entre esses componentes. Assim, Furtado percebe a cultura como um "sistema coerente" suscetível a mudanças e readaptações ao longo do tempo.

Na medida em que a capacidade criativa do homem está orientada para a geração de inovações, tanto no âmbito da cultura material quanto na cultura não-material, põe-se em curso o processo de desenvolvimento. No âmbito da cultura material, correspondente ao progresso técnico e à acumulação, as inovações permitem gerar excedentes econômicos adicionais, renovando o horizonte de opções aberto aos membros da sociedade.

No entanto, é no âmbito da cultura não-material, "constituída pelo patrimônio de ideias e valores que uma sociedade vai construindo", que as inovações ou invenções abrem caminhos para realização das potencialidades latentes nesses membros da sociedade. Em outras palavras, as invenções na dimensão da cultura não-material, ao ampliar o universo de ideias e valores, desenvolvem "impulsos criativos capazes de ajudar o homem a emergir em sua auto-identificação, por meio de atividades como a reflexão filosófica, a meditação mística, a criação artística ou a invenção científica" (RODRÍGUEZ, 2009).

A criatividade, entendida como caminho para realização das potencialidades dos atores sociais, permite que cultura e desenvolvimento se articulem em uma perspectiva não-reducionista e não-determinista. Segundo Rodríguez (2009, p. 418), o não-determinismo e não-reduccionismo resultam da importância dada por Furtado ao sistema global da cultura, no qual a indução e condução das mudanças pelos agentes sociais "resulta indissociável das ideias e valores que os motivam".

Tendo em vista essa perspectiva mais abstrata do sistema global de cultura, serão delineadas a seguir algumas reflexões sobre a cultura brasileira tecidas por Celso Furtado em Cultura e desenvolvimento

em época de crise.

Para Furtado (1984), o processo de mundialização da civilização europeia iniciado no século dezoito serviu de moldura à formação do Brasil como nação e como sistema de cultura. Essa mundialização da civilização europeia, por sua vez, apenas aconteceu a partir do avanço da fronteira geográfica, mediante abertura de linhas de navegação intercontinentais. Nesse contexto, o Brasil teve a particularidade de integrar-se na área imediata de atuação de Portugal, principal vetor conducente da difusão geográfica da civilização europeia.

Embora o peso da minoria portuguesa na formação cultural brasileira seja avassalador, no período colonial desenvolve-se uma cultura que, "sendo portuguesa em sua temática e estilo, incorpora não apenas motivos locais mas também toda uma gama de valores das culturas dos povos dominados". A expressão mais forte da "cultura brasileira" insurgente está na arquitetura e na escultura, refletindo a preeminência do Estado e da Igreja na sociedade. Nesse contexto histórico de total domínio da sociedade colonial pelas duas instituições supracitadas, o barroco brasileiro surge como expressão cultural da sociedade como um todo. Em outras palavras, "a mensagem transmitida através das criações culturais barrocas atinga senhores e escravos". (FURTADO, 1984, p. 20-22).

No século dezoito, entretanto, rompe-se com a síntese cultural barroca. A ruptura cultural brasileira pós-barroco está estreitamente relacionada ao contexto internacional de Revolução Industrial e consequente mudança no processo de acumulação. A maior mecanização do processo produtivo permite um aumento considerável da produtividade do trabalho e do volume dos excedentes, fatores que intensificam a acumulação, na qual se funda a elevação e diversificação dos padrões de consumo.

O incremento da produtividade do trabalho social e a diversificação do consumo, i.e., o progresso tecnológico aplicado ao processo produtivo e à concepção dos bens e serviços finais, constituem os dois processos que viabilizam a expansão do sistema produtivo no pós Revolução Industrial. A divisão internacional do trabalho, contudo, possibilitou isolar esses dois processos:

Um país que se especializasse na produção agrícola para a exportação podia ter acesso à moderna tecnologia sob a forma de produtos de consumo, sem ter

que investir para elevar a produtividade física do trabalho. As vantagens comparativas estáticas criadas pela especialização davam origem a um excedente que permitia pagar os bens de consumo sofisticados que estavam penetrando no mercado internacional. Era o processo de *modernização dependente*, que outra coisa não é senão a utilização do excedente, gerado pela especialização e retido localmente, para modelar os padrões de comportamento de forma a estimular a importação de manufaturas destinadas ao consumo. (FURTADO, 1984, p. 22-23)

Com o processo modernização dependente emerge um novo quadro cultural no Brasil, marcado por padrões de comportamentos imitativos e distanciamento entre elite e povo. Segundo Furtado (1984), as elites hipnotizadas interessam-se pelos centros da cultura europeia, provedores dos bens de consumo que o comércio exterior permite adquirir. O povo, símbolo do atraso, carrega heranças culturais não europeias que tem significado nulo para as elites. Desprezado pela cultura da classe dominante, o povo dá continuidade ao seu processo formativo com alguma autonomia, o que permite que as raízes não europeias se consolidem na cultura popular e que a criatividade do povo se expanda menos inibida.

O processo cultural brasileiro em curso assume características peculiares no século vinte, tendo como tela de fundo o isolamento oriundo dos conflitos mundiais, a crise da economia primário-exportadora e a conseqüente industrialização tardia por substituição de importações. Diante desse contexto, a difusão de uma cultura de massas a partir da ascensão econômica norte-americana constitui o principal fator desestabilizador do quadro cultural brasileiro baseado na dicotomia elite-povo.

A emergência de uma classe média brasileira com crescente poder econômico, por sua vez, também introduzirá elementos desestabilizadores do processo cultural baseado na dicotomia elite-povo. Esse novo estrato sócio-econômico surge diante de um quadro de modernização dependente e industrialização por substituição de importações. Entretanto, a grande maioria dos elementos característicos da classe média está próxima do povo, o que explica a relação de envolvimento e penetração da cultura da classe média

com as manifestações criativas populares. Nesse sentido, a ascensão da cultura de classe média consiste, ao mesmo tempo, no fim do isolamento do povo e no começo da descaracterização deste como força criativa.

Furtado (1984, p. 24), por fim, apresenta uma visão panorâmica do processo cultural brasileiro em curso no final do século vinte. Num primeiro plano, observa-se um fortalecimento da indústria transnacional de cultura como instrumento de modernização conservadora. Em segundo plano, destaca-se a pequena autonomia criativa da classe média que, ao mesmo tempo em que é assediada pelos valores veiculados pela indústria transnacional de cultura, tem uma face voltada para a massa popular. Num terceiro plano, "abarcando todo o horizonte, perfila-se essa massa popular sobre a qual pesa a crescente ameaça de descaracterização".

Em alguns segmentos da classe média, contudo, uma consciência crítica acerca do processo de descaracterização da cultura popular vem sendo criada. A consolidação dessa consciência crítica e dos focos de resistência ao processo de descaracterização, segundo Furtado (1984), constituem o caminho possível para uma nova síntese capaz de expressar a personalidade cultural brasileira, preservando os espaços de criatividade que sobrevivem na massa popular.

Tendo delineado o conceito geral de cultura e apresentado a construção história dos processos culturais brasileiros, passa-se agora ao desenvolvimento. Segundo Furtado (1984, p. 27), "a industrialização tardia brasileira foi conduzida no quadro de um *desenvolvimento imitativo ou mimético*", que reforçou tendências ao elitismo e à opressão social. Nesse contexto de desenvolvimento imitativo, cabia à dependência tecnológica e financeira o papel de regular as atividades produtivas, enquanto o processo de acumulação era posto a serviço da modernização do estilo de vida da elite e da classe média. As tendências anti-sociais do desenvolvimento mimético foram exacerbadas pelo autoritarismo político no período ditatorial.

Diante desse quadro de desenvolvimento imitativo, a sociedade brasileira pretende reproduzir a cultura material do capitalismo mais avançado privando a grande maioria da população de bens e serviços essenciais. Nesse sentido, pensar opções de desenvolvimento que levem em conta a superação do impasse supracitado exige tanto a defesa de um processo endógeno de desenvolvimento quanto uma articulação

consistente entre esse processo e o sistema cultural.

A proposta de desenvolvimento endógeno na obra de Celso Furtado se fundamenta na necessidade de reversão de duas especificidades próprias das sociedades periféricas: a heterogeneidade social e a dependência cultural. A heterogeneidade social constitui um “reflexo dos vastos contingentes de mão de obra de escassa produtividade, resultantes de processos de acumulação e progresso técnico reduzidos”. Por outro lado, reflete também uma dinâmica social incapaz de impulsionar a melhoria das condições de vida dos grandes contingentes de mão de obra. A dependência cultural, por sua vez, desarticula as culturas periféricas ao incorporá-las à civilização industrial de forma a inibir suas potencialidades criativas. (RODRÍGUEZ, 2009, p. 436).

O centro do desenvolvimento endógeno consiste na consolidação de uma identidade cultural própria à periferia e, assim, permite que se dê curso às potencialidades criativas subjacentes ao acervo cultural dessas sociedades e que se reverta a dependência cultural. Nesse sentido, a emergência da criatividade nas sociedades periféricas constitui uma importante alavanca para o desenvolvimento. A reversão da heterogeneidade estrutural, por sua vez, está em parte associada a uma transformação sociopolítica que impeça a esterilização de grandes montantes de excedente na imitação de padrões de consumo estrangeiros, permitindo a apropriação local dos excedentes gerados e a dinamização do mercado interno.

Entretanto, as mudanças tecnológicas em nível global são fundamentais para a continuidade do processo de acumulação nos países periféricos. Para garantir a endogeneidade do desenvolvimento nesses países, o acesso às tecnologias modernas não pode culminar na adoção de valores que desarticulem a identidade cultural própria da periferia. Em outras palavras, um transplante acrítico das tecnologias implica a uniformização de padrões de comportamento que impedem um desenvolvimento a partir de condições culturais específicas (FURTADO, 1984; RODRÍGUEZ, 2009).

Tendo em vista essas considerações acerca do desenvolvimento endógeno, evidencia-se a importância de uma reflexão prévia sobre a cultura no debate das opções de desenvolvimento. Assim, uma saída para a superação dos impasses apresentados anteriormente seria o “desenvolvimento como reencontro com o gênio criativo de nossa cultura e como realização

das potencialidades humanas”. Apenas assim o desenvolvimento futuro abriria espaço para a realização das potencialidades da cultura periférica e contribuiria para a satisfação dos anseios mais legítimos do povo. (FURTADO, 1984, p. 30).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Celso Furtado, diferentemente de outros teóricos do desenvolvimento latino-americanos, promove uma articulação concreta entre cultura e desenvolvimento. O movimento teórico que culmina no encontro entre cultura e desenvolvimento na obra de Furtado se insere no contexto de enfraquecimento da teoria estruturalista do subdesenvolvimento e de fortalecimento de uma corrente monetarista na América Latina. Diante dessa conjuntura, o próprio conceito de desenvolvimento é revisitado, distanciando-se da perspectiva adotada pelo autor nos anos cinqüenta.

Esse movimento teórico iniciado nos anos setenta tem como tela de fundo o avanço da industrialização em um quadro de *desenvolvimento imitativo*, característico de uma sociedade que pretende reproduzir a cultura material do capitalismo avançado privando a grande maioria da população de bens e serviços essenciais. Nesse contexto, a situação de subdesenvolvimento latino-americana passa a ser percebida como resultado da discrepância entre as sofisticadas exigências de modernização das classes dominantes e a precariedade do grau de desenvolvimento das forças produtivas.

No entanto, e nesse ponto se consolida a articulação entre cultura e desenvolvimento, qualquer tentativa de superação da situação de subdesenvolvimento supracitada exige uma reflexão prévia sobre a cultura específica dos países periféricos. A realização das potencialidades criativas de uma cultura própria à periferia constitui um fator essencial para viabilizar o processo de desenvolvimento endógeno.

Nos anos oitenta, como resultado do movimento teórico iniciado na década anterior, Celso Furtado responde ao impasse oriundo dos processos de “desenvolvimento mimético” e de “modernização dependente” defendendo o desenvolvimento como o reencontro com o gênio criativo da cultura periférica, como a realização das potencialidades humanas.

Assim, cultura e criatividade assumem papéis de destaque na teorização acerca do subdesenvolvimento, o que culmina com a defesa de que a política

de desenvolvimento deve ser posta a serviço do processo de enriquecimento cultural.

REFERÊNCIAS

BORJA, Bruno. Notas sobre a dimensão cultural na obra de Celso Furtado. In: D'AGUIAR, Rosa Freire (Org.). Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2013.

CUNHA, Alexandre Mendes; BRITTO, Gustavo. When development meets culture: The contribution of Celso Furtado in the 1970s. Cedeplar, UFMG, 2011. (texto para discussão nº 429)

FURTADO, Celso. Cultura e desenvolvimento em época de crise. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

RODRIGUEZ, Octavio. Desenvolvimento e cultura. In: _____. O estruturalismo latino-americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 407-447.

SAMPAIO JR, Plínio Arruda. A atualidade da teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado. In: D'AGUIAR, Rosa Freire (Org.). Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2013.